

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Correio do Povo

Class.: Semana do Índio

Data: 12 de abril de 1966

Pg.: SEI0001

DEZENOVE DE ABRIL

ÍNDIO TAMBÉM TEM DIA

* Rondon, um conquistador diferente

Quem viaja 4 dias pelos solitários chapadões do Norte do Mato Grosso, debaixo da linha que custou quase quarenta anos de suores, não pode deixar de pensar naquele povo que quatro séculos viram morrer sob as balas de conquistadores: os índios. Rondon foi um conquistador diferente. Sua penetração ciclópica não foi feita a preço de sangue índio. "MORRER, SE FOR PRECISO, MATAR NUNCA", tal foi sua legenda. Sua obra, a linha telegráfica que corta o sertão de fora a fora, é hoje uma real imagem da situação do índio, que aqui e ali ainda a palmita. Aqui espetada num "justa-contêito", ali rolando na areia, lá sustentada por uma corcunda favela, que teima jogar seu fardo histórico ao chão, além arrastando-se na lama das ribanceiras de rios e igarapés.

E o índio? Já viu índio? E quantos se gabam disto como o guri que acabou de ver seu primeiro leão no jardim zoológico! Esta é a situação do nosso índio: "Bicho" para parque ou jardim zoológico. Até hoje não teve oportunidade de se mostrar homem. Fazer do índio uma atração turística, parece ser a esperança de muito brasileiro. Não é este já o aspecto de muita reserva indígena?

Sétimo, não roubar...

"Sétimo, não roubar..." Quem não conhece este mandamento que "nos proíbe tirar ou reter o alheio, causar dano ao próximo nos seus bens, por usura, fraude..." e "nos manda pagar as dívidas e restituir o alheio, quer furtado, quer achado..." Você já pensou que talvez durma sobre uma injustiça? A quem você pagou a sua terra? Já se lembrou que aí onde você mora, já moravam índios e que ninguém indenizou o índio que possuía a sua terra?

Mas, o índio, não é um nômade? E neste caso poder-se-á recorrer ao sétimo mandamento para recriminar o processo histórico da ocupação de uma terra de nômade, também é verdade que ele possui uma propriedade territorial. Por outra parte, o índio é nômade dentro de determinada região que considera sua e que dificilmente é um território de

Egídio Schwade

mais de 100 km de raio. Não se justifica, pois, uma ocupação, e muito menos uma ocupação violenta, como foi a quase totalidade das desapropriações das terras dos ameríndios. Mas o índio ainda possui aquelas imensas extensões de terra da floresta amazônica, onde vive bravo — Norte do Mato Grosso, Pará, Amazonas, Goiás e Rondonia. Ilusão! Você querará adquirir uma porção daquele imenso território? Não precisará procurar seu dono lá na floresta virgem.

Vá a Cuiabá, a S. Paulo, a Presidente Prudente, talvez aí em Porto Alegre mesmo poderá obter os mapas daquelas terras. E todas minuciosamente divididas e vendidas.

E o índio que quebre seu arco e despenhe suas flechas se não quiser morrer. Faça-se escravo dum amo que apenas precisou traçar o mapa de uma terra para ficar dono. Esta gente — os índios — é pobre, miserável, porque sua pátria e propriedades lhes foram roubadas.

Daqui há poucos anos, não existirá mais para nós poder-mos indenizá-los pela injustiça de nossos coevos e de nossos antepassados...

Esmoler?

Conheço o índio pobre, miseravelmente pobre. Lá no fundo da mata virgem, à margem de rios como o Juruena, Sangue, Arinos, Telles Pires... pode-se encontrá-lo no meio das feras, do pium e de toda a

* A linha que imita a história do índio

espécie de pragas. Sua moradia é um inumano tugúrio que antes parece uma toca de castores à beira dos rios amazônicos, do que abrigo dum ser humano. Suas palhas só se abrem para esconderem atrás de si em meio à fumaça um homem com sua pobre caça na mão e derrotado pela ingrata natureza. Eis o homem que já foi dono desta "mãe gentil", nossa "pátria amada e idolatrada".

Contenta-se com aquilo. Conheço sua história. Quatro séculos já o acostumaram a esta

vida de incerteza, de injustiça. Desde aquele dia 19 de fevereiro de 1519, quando Fernão Cortez fez a primeira mancha injusta do índio na baía de Campeche, no México, até este dia 19 de abril em que comemoramos o "Dia do Índio", o índio não conheceu outra história. Não ser esmola. Prefere retirar-se para a mais inhospita terra, e abrigar-se na mais miserável choça. Também ele tem o sentimento de honra que nós temos. E quem de nós, sabendo-se injustificado por certo indivíduo, aceita deste algo a título de esmola?

Assim o índio vive e assim o índio morre. Morre satisfeito. Morre sorrindo. E quatro séculos viram morrer o índio assim, sorrindo. Até hoje a história não lhe registrou nenhuma queixa. Ele perdoou tudo. Não organizou nenhuma ideologia, nem apelou para lei ou direito, algum em sua defesa, em defesa de seu continente. Preferiu morrer sorrindo.

Desbravador e Desbravadores

E este homem, assim tratado, transformou-se até os nossos dias em desbravador. Desbravador de regiões inhospitas. Valente como o Urias do Antigo Testamento, sempre esteve na primeira linha, na conquista das matas virgens para a civilização. Destemido, acondicionou e acondiciona ao seu algoz seringueiro a exploração da borracha, limpando as matas de suas onças e sucurs.

Destemido sobretudo ao lado de um homem que o compreende e quer bem. Animado, soube enfrentar com o desbravador Mal. Rondon a praga e o calor e o duro trabalho de erguer e transportes os postes da linha telegráfica. Paciente, soube aprender a lei, escrever e falar português para ocupar os postos mais difíceis e avançados da linha que corta todo o sertão.

Destemido e humilde, soube compreender a boa vontade do missionário. Em 90 expedições — a pé, ou de barco, a remo ou a motor — lá esteve o índio ao lado do Pacificador P. João Dornstauder S.J. para fazer compreender a seus irmãos canoeiros que o padre rompia as matas não por amor ao lucro, nem para matar, mas para salvar e construir uma outra tribo e trazer ao índio uma esperança nova.



Espollado, transformou-se em autêntico desbravador. (Cacique Nambiquará do Juruena)



O índio sorri e perdoa... (Jovem antropólogo, pacificado pelo padre João Dornstauder, S. J.)